O grande cartunista Vasco



Interpretou a realidade política, social e cultural, o Maio de 68, o 25 de Abril, os efeitos da tecnologia, as desigualdades sociais, o consumismo desenfreado e as perplexidades da condição humana. "La Bohème", livro de memórias, reconstitui o percurso de Vasco de Castro (1935–2025) e a sua singular linguagem gráfica

TEXTO **ANTÓNIO VALDEMAR**

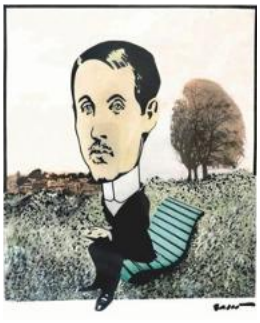
Vasco de Castro foi um dos grandes intérpretes gráficos da sociedade portuguesa e europeia da segunda metade do século XX. Entre o exílio em Paris, a efervescência do Maio de 68 e o regresso a Portugal com o 25 de Abril, construiu uma linguagem gráfica própria, marcada pelo humor, pela irreverência e por uma permanente atitude de contestação perante os poderes e as convenções. A sua vida e a sua obra, reconstituídas nas memórias recolhidas por Mário Beja Santos em "La Bohème", acompanham algumas das grandes mudanças verificadas na segunda metade do século XX: a ditadura salazarista, os protestos da oposição, a guerra colonial, o exílio em Paris, o Maio de 68 e o regresso a Portugal transformado pela eclosão do 25 de Abril.

Nascido numa família da burguesia de Vila Real, Vasco — de seu nome completo Agostinho Vasco da Rocha e Castro (1935-2021) — cresceu numa cidade marcada por usos, costumes e tradições mergulhadas no passado. Ao recordar o período da infância e da adolescência em "La Bohème", livro de conversas com Mário Beja Santos, evocou os anos angustiantes em que frequentou a escola primária e o curso do liceu, submetido a uma disciplina opressiva, onde os castigos físicos e a obediência irrestrita eram inseparáveis das regras da educação e dos métodos do ensino. Esta experiência traumática deixou-lhe, para sempre, uma aversão permanente ao autoritarismo e às convenções de toda e qualquer sociedade entranhada na rotina e refratária à inovação. Essa memória implacável ajuda a compreender o inconformismo que viria a caracterizar a sua conduta cívica e a sua atividade criadora, embora não explique, por si só, a originalidade do artista.

Apesar de tudo, sentiu em Vila Real o despertar da sua vocação artística e literária através da leitura assídua de "O Mosquito", semanário de banda desenhada onde se destacavam os desenhos de Eduardo Teixeira Coelho, que se tornou conhecido por ETC. Vasco, num dos capítulos de "La

Bohème", recordou que essa leitura representou o seu primeiro contacto com um mundo de aventuras. Estimulou-lhe a imaginação, incutiu-lhe o sentido do humor, o exercício da rebeldia e, sobretudo, o gosto pelo desenho. Entretanto, viu publicado um desenho que enviou para "O Mosquito". A satisfação deste primeiro reconhecimento foi decisiva para a sua afirmação pessoal.
Chegado a Lisboa para estudar Direito, afastou-se rapidamente do curso. Os métodos de ensino eram insuportáveis: "os professores contentavam-se com o papaguear das sebentas"; os alunos eram "triturados, retorcidos, abafados para serem as elites onde o Estado Novo se ia abastecer". Vasco aproximou-se de jovens ligados à literatura, ao teatro, ao cinema e às artes plásticas; publicou desenhos na imprensa humorística da época: o "Sempre Fixe", "Os Ridículos" e "O Mundo Ri". Fez reportagens para "O Mundo Desportivo" e colaborou ainda no suplemento literário do "Diário de Lisboa". Todas essas experiências estruturaram a sua capacidade de intervenção repartida entre o desenho, a escrita, o cinema e o teatro. Foi um dos fundadores dos Jograis de Lisboa.
O cumprimento do serviço militar era inevitável. Vasco recorreu a todos os expedientes e subterfúgios para fugir à incorporação na Escola dos Oficiais Milicianos em Mafra. Em 1961, exilou-se em Paris radicando-se em Montparnasse, que voltava a "tomar um fôlego novo, a esquecer a apatia do pós-guerra, em benefício de Saint-Germain-de-Prés". Montparnasse — acentua Vasco — era, nos anos 60 e 70, "o bairro que retomava a animação que o celebrizara quando Paris fora a capital do mundo".
Seguiu de perto a Figuration Narrative, o Pop francês. Participou em seis ou sete filmes. Envolveu-se nos movimentos *underground*, colaborou, lado a lado, com os maiores cartunistas em jornais e revistas de prestígio. Por exemplo, no "Le Monde", "Libération", "Fígaro", "Canard Enchainé", "Harakiri". O grupo "Hara-Kiri" / "Charlie-hebdo" e o "L'Enragé" acompanharam o Maio de 68. Época áurea, da caricatura e do cartune, assinalada com a agressividade de Siné, o inconformismo de Chaval e de Bosc; a estilização sofisticada de Sempé, o imaginário de Topor, de Steidman e de Scarfe. E a forte irradiação de Steinberg e de Levine.





Cesário Verde num banco de jardim; uma das várias representações de Fernando Pessoa (em cima); um autorretrato de Vasco (na página ao lado)

PARIS-LISBOA

A experiência parisiense foi também política. Vasco acompanhou a contestação ao regime português e as discussões ferozes entre os exilados. Envolveu-se nas barricadas do Maio de 68, no ativismo da extrema-esquerda. Integrou-se no movimento que abalou a universidade e a sociedade francesas e se comunicou a muitos outros países, entre os quais Portugal.
Fez parte de um comité de ação que ocupou a Casa de Portugal, na Cidade Universitária. As suas memórias registam aqueles dias tumultuosos e a participação ativa na crítica frontal ao ensino e a muitas outras estruturas políticas, culturais e económicas.
O 25 de Abril encontrou-o em Paris. Ouviu as notícias transmitidas pela rádio acerca das tropas na rua. Foi, entretanto, chamado pelo "Libération" para ajudar a interpretar a informação que se multiplicava com euforia contagiante. Regressou, dias depois, no avião que trouxe numerosos exilados portugueses, entre os quais Álvaro Cunhal que residia em Paris, embora julgassem que permanecia refugiado em Praga. Era o fim de uma etapa decisiva da sua vida.
Em Portugal, Vasco manteve a intervenção política e artística durante o período revolucionário. Todavia, a maturidade consolidou-se a partir dos anos 80. Ganhou visibilidade na colaboração assídua no "Diário de Notícias" e, no início dos anos 90, fez parte da equipa de Vicente Jorge Silva que fundou o "Público".
Os cartunes de Vasco não se limitaram às figuras políticas circunscritas a acontecimentos nacionais e internacionais. Recriou também o perfil de escritores, poetas e artistas consagrados. Fernando Pessoa motivou sucessivas e arrojadas interpretações com uma visão original (celebrada por Vergílio Ferreira) que transpôs a iconografia introduzida por Almada Negreiros e também pelas fotografias de Horácio Novais, ao surpreender Pessoa nas ruas de Lisboa umas vezes só, outras na companhia de amigos próximos.
Mas não foi apenas Pessoa. A pretexto de efemérides e de outras circunstâncias, Vasco recriou o perfil de escritores como Herculano, Eça, Aquilino, Nemésio, Jaime Cortesão e Teixeira Gomes; de poetas como Antero, Junqueiro, António Nobre, Cesário Verde e Camilo Pessanha; e de artistas como Stuart Carvalhais e Amadeu de Souza-Cardoso. Entre todos podemos incluir Camilo, uma das suas indisfarçáveis paixões literárias.
As memórias reunidas por Mário Beja Santos em "La Bohème" permitem reconstituir o percurso de Vasco de Castro e compreender a formação de uma linguagem gráfica singular. Mas o legado do artista ultrapassa largamente o testemunho de uma época. Na política, na cultura e na sociedade, Vasco encontrou matéria para um desenho que nunca se limitou a ilustrar acontecimentos: interpretou-os, interrogou-os e expôs as suas contradições. É nessa capacidade de transformar o desenho numa forma de pensamento crítico que reside a sua importância e a atualidade da sua obra. ●



LA BOHÈME
De Vasco de Castro
Âncora, 2026, 326 págs., €20
Memórias